

# SPP-FC

— SELF-PERCEPTION PROFILE FOR CHILDREN —

# PCS-FC

— PERCEIVED COMPETENCE SCALE FOR CHILDREN —

**SUSAN HARTER**

Autores [ por ordem alfabética ]:

José Saraiva Augusto | Maria Teresa Preto | Sofia Soares Tão | Teresa Gomes Jerónimo

## Resumo | *Abstract*

As páginas que se seguem, no âmbito da cadeira de Psicologia da Aprendizagem, versam, dentre a faixa etária da pré-adolescência, 8-12 anos, a temática da avaliação da auto-percepção, proposta por Susan Harter, no contexto teórico do seu *Self-Perception Profile For Children* [SPP-FC] e do instrumento operacional que lhe está associado: a *Perceived Competence Scale For Children* [PCS-FC].

Apesar de, como refere Fox [1990], a validação dos instrumentos psicológicos nunca estar inteiramente completa, tratando-se, antes, de um processo nunca acabado, é incontornável a vantagem dos estudos desenvolvidos nesta área, no sentido de um maior conhecimento dos fenómenos ora em apreço.

Assim, neste documento, depois de um breve enquadramento teórico, debruçamo-nos sobre a pré-concepção e estrutura da PCS-FC, seguindo-se-lhe, em detalhe, a análise das pontuações obtidas pelos 3 indivíduos avaliados: o Tomás, o Rui e a Marta. Para o efeito foi construído, em Excel, um ficheiro de cálculo integrado, sendo que, doravante, apenas será necessário fazer o *input* das pontuações obtidas — os resultados, específicos e globais, dos indivíduos são, sob a estrutura da PCS-FC, automaticamente disponibilizados. Em função dos perfis encontrados, são, depois, adiantadas algumas notas orientadoras de intervenção.

Complementarmente, num mero exercício académico, é, na Parte IV, aventada a suposição de, ao invés de se considerarem isoladamente os sujeitos avaliados, os três serem irmãos e, portanto, criados no mesmo meio familiar e enformados pelos mesmos padrões culturais e sócio-económicos. Sob esta perspectiva, após um breve *briefing* caracterizador do *set* fictício, são discutidas algumas linhas de concertação de ajuda familiar recíproca para, sob a metria proposta e validada por Susan Harter, obviar aos «desvios» encontrados.

A forma de apresentação escrita do presente documento, devido à sua finalidade, tipo e estrutura gráfica, não segue as normas da APA, nomeadamente o resumo disponível, *em linha*, na internet, em *APA Style Essentials* [[http://www.vanguard.edu/faculty/ddegelman/index.cfm?doc\\_id=796](http://www.vanguard.edu/faculty/ddegelman/index.cfm?doc_id=796)].

Os autores.

pp.	Índice
4	<b>PARTE I</b> <b><i>PERCEIVED COMPETENCE SCALE FOR CHILDREN.</i></b>
5	1   Autoconceito e autoestima: enquadramento teórico.
7	2   <i>Perceived Competence Scale For Children</i> [PCS-FC].
8	3   A estrutura da PCS-FC.
10	<b>PARTE II</b> <b><i>PERCEIVED COMPETENCE SCALE FOR CHILDREN: FOLHAS DE RESPOSTA.</i></b>
11	1   Tomás.
18	2   Rui.
25	3   Marta.
32	<b>PARTE III</b> <b>RESULTADOS E ANÁLISE.</b>
33	1   Pontuações obtidas na: «Escala ‘Como é que eu sou’» e na «Escala de importância».
34	2   Detalhe das pontuações obtidas e cálculo ‘Discrepância Global’.
38	3   Linhas orientadoras de intervenção.
41	<b>PARTE IV</b> <b>E SE FOSSEM IRMÃOS?</b>
42	1   <i>Briefing</i> [situação fictícia].
44	2   Grelhas de análise comparativa.
47	3   E se fossem irmãos?
48	<b>PARTE V</b>
49	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>

———— **PARTE I** ————

| *perceived competence scale for children* |  
| PCS-FC |

pp.

- |   |   |  |  |
|---|---|--|--|
| 5 | 1 |  | Autoconceito e autoestima: enquadramento teórico.        |
| 7 | 2 |  | <i>Perceived Competence Scale For Children</i> [PCS-FC]. |
| 8 | 3 |  | A estrutura da PCS-FC.                                   |

## I | **Autoconceito e autoestima: enquadramento teórico.**

O *self* é mais correctamente descrito como um complexo sistema de constructos [Fox, 1999, 2000].

A ambiguidade que cerca a utilização indiscriminada dos vários termos.

A emergente separação conceptual das noções de autoconceito e autoestima, a partir dos finais dos anos '80.

Autoconceito: conceito mais abrangente relativo à auto-descrição de um indivíduo — percepção que o mesmo tem de si próprio.

Autoestima: dimensão avaliativa do auto-conhecimento - forma como uma pessoa se auto-avalia.

Proposta de separação doutrinária entre autoconceito e autoestima e caracterização do *self*, no âmbito da sua complexidade.

A terminologia do *self* é prolixa: autoestima, autoconceito, auto-imagem, auto-avaliações, auto-conhecimento, auto-percepções, auto-eficácia, etc., são termos que grassam pela literatura especializada. Todavia, existe um consenso generalizado de que o *self* é mais correctamente descrito como um complexo sistema de constructos [Fox, 1999, 2000].

Não obstante, esta complexidade tem propiciado a existência de um conjunto de termos, cuja utilização indiscriminada, gera, por vezes, ambiguidade e confusão conceptual, existindo uma certa indefinição quanto a uma correcta e objectiva diferenciação, nomeadamente entre as noções de autoestima e autoconceito.

Esta imprecisão arrastou-se durante muito tempo, mas, nos finais dos anos '80, parece ter emergido uma certa anuência na definição destes constructos primários do *self* [Fox, 1997, 1998], considerando que se tratam de duas entidades psicológicas diferentes, que reenviam para distintas dimensões do *self* [Peixoto, 1996].

Segundo diversos autores o autoconceito é um conceito mais abrangente relativo à auto-descrição de um indivíduo, pelo que está relacionado com a percepção que o mesmo tem de si próprio [e. g. Peixoto, 1996; Vaz Serra, 1988], enquanto a autoestima se equivale a uma dimensão avaliativa do auto-conhecimento, referente, portanto, à forma como uma pessoa se auto-avalia [Baumeister, 1994].

Assim, enquanto o autoconceito se refere à imagem multifacetada que um indivíduo tem de si mesmo, a autoestima diz respeito à avaliação, ou ao modo, como o indivíduo se sente acerca da sua imagem.

Neste sentido, a autoestima pode ser usada para se referir à auto-avaliação de um indivíduo como um todo, «autoestima global», ou pode discutir-se o autoconceito, em relação à avaliação do *self* em determinada dimensão ou domínio.

Limitações teóricas das noções de autoconceito e autoestima, derivadas do facto de se considerarem como entidades unidimensionais, sem se atender às diferentes percepções do *self* que as compõem.

A apreciação multifacetada das várias componentes do *self*, nomeadamente da autoestima.

A arquitectura conceptual do modelo hierárquico multidimensional e as suas inequívocas vantagens na melhor definição dos constructos.

A agregação das várias dimensões que conduzem ao autoconceito e à «autoestima global».

O fraccionamento sucessivo das observações dos vários domínios teóricos da autoestima e a noção implícita de micro-domínio perceptivo.

Perfis de auto-percepção e escalas globais separadas.

Durante muitos anos, psicólogos e outros investigadores lidaram com a autoestima e com o autoconceito como entidades unidimensionais [Fox, 1997]. Os investigadores avaliavam estes conceitos como uma medida global, sem atender às diferentes percepções do *self* que os compõem. A avaliação destes estudos revelou que as conclusões reflectiam problemas de mensuração e de análise estatística, que não suportavam a unidimensionalidade considerada.

Com efeito, esta perspectiva unidimensional é considerada teoricamente limitada, uma vez que não permite investigar todos os mecanismos subjacentes às mudanças pessoais, pois não contempla o facto de cada indivíduo ter sentimentos distintos sobre si próprio, em diferentes aspectos da sua vida, e que essa contribuição pode fazer variar, nomeadamente, a sua «autoestima global» [Faustino, 1994].

Mais recentemente, assistiu-se a vários desenvolvimentos cruciais, sobretudo quando o enfoque se passou a centrar directamente nos mecanismos da mudança envolvidos no sistema do *self* [Fox, 1997], como acontece no caso do modelo hierárquico multidimensional.

Os modelos hierárquicos multidimensionais sugerem que as auto-avaliações, em domínios específicos, estão de algum modo agregadas para formar o autoconceito e a «autoestima global».

Por exemplo, Fox [1988, 1990] e Fox & Corbin [1989], sugerem um modelo hierárquico multidimensional da autoestima, que sustenta a existência de um nível global de autoestima relativamente estável e alto no topo, resultado de percepções avaliativas em vários domínios da vida. Cada domínio considerado representa os efeitos combinados de percepções de um nível inferior de hierarquia, pelo que, à medida que se desce, a estabilidade diminui e as facetas tornam-se cada vez mais específicas.

Nos anos '80, verificaram-se vários avanços importantes na avaliação do autoconceito e da autoestima [Fox, 1998]. Com o aparecimento dos perfis de

auto-percepção e das escalas globais separadas, surgiram modelos que sugeriam como os constructos se poderiam complementar e relacionar entre si.

## 2 | *Perceived Competence Scale For Children* [PCS-FC].

O instrumento metodológico proposto por Susan Harter, a PCS-FC, *Perceived Competence Scale For Children* [Escala da Competência Percebida — para Crianças], minimiza significativamente os problemas associados aos formatos clássicos das escalas de duas escolhas [«Verdadeiro — Falso» ou «Sim — Não»].

Existe evidência empírica que o formato proposto por Harter reduz a tendência natural para se fornecer respostas socialmente desejáveis e, desta forma, aquela metodologia favorece a redução do risco do enviesamento dos resultados [Harter, 1982, 1985, 1988; Fox, 1988].

A desejabilidade social [aspecto em que os indivíduos tendem a concordar com as respostas que são socialmente mais adequadas, fornecendo respostas «para agradar»] mais dificilmente ocorre no formato proposto, face ao tipo de formulação das questões e ao processo de escolha que exige, o que transmite uma sensação ao sujeito de que todo o leque de respostas é aceitável.

O procedimento geral para avaliação consiste na cotação de cada item com base numa escala de 4 pontos. A pontuação 1 significa «baixa adequação» ou «baixa competência percebida» e a cotação 4 indica «alta adequação» ou «alta competência percebida», onde ambos os valores correspondem ao tipo de descrição «totalmente verdadeiro para mim» — «**sou tal e qual assim**».

Os valores 2 e 3 indicam que a escolha do jovem é do tipo «parcialmente verdadeiro para mim» — «**sou um bocadinho assim**», numa descrição mais «auto-desfavorável», ou mais «auto-favorável», respectivamente.

Evidência empírica de um menor enviesamento das respostas no modelo proposto por Susan Harter.

A diminuição objectiva das respostas «socialmente desejáveis».

Aumento do à-vontade para os indivíduos responderem mais «honestamente».

Pontuação 1: «baixa adequação» ou «baixa competência percebida».

Pontuação 4: «alta adequação» ou «alta competência percebida».

Pontuações 2 e 3: descrição mais «auto-desfavorável» ou mais «auto-favorável», respectivamente.

Estrutura sequencialmente posicional das repostas.

Cuidados na aplicação e reparos iniciais necessários à boa execução do questionário.

Autoconceito + autoestima.

- Competência Escolar
- Aceitação Social
- Competência Atlética
- Aparência Física
- Comportamento

- Autoestima

Ao responder, o indivíduo em primeiro lugar decide qual das duas afirmações melhor o descreve, aquela com que melhor se identifica, e, seguidamente, junto a cada afirmação, assinala se a mesma é parcialmente verdadeira ou totalmente verdadeira para si.

O instrumento pode ser administrado individual ou colectivamente, sendo necessário, em quaisquer dos casos, assegurar que os sujeitos se situem previamente num dos lados do item e só depois assinalem a escolha do grau de acordo com a afirmação escolhida, já que há uma tendência comum, sobretudo entre os mais novos, para se escolherem alternativas em ambos os lados de cada item.

### 3 | A estrutura da PCS-FC.

O instrumento operacional contém 6 sub-escalas, 5 referentes aos domínios específicos do autoconceito e 1 sobre a avaliação da autoestima.

Os domínios específicos [5 + 1]:

- **Competência Escolar:** avalia a percepção do indivíduo relativamente à sua competência ou aptidão no domínio do desempenho escolar.
- **Aceitação Social:** mede o grau de aceitação do sujeito pelas outras crianças, bem como o sentimento de popularidade entre os seus pares.
- **Competência Atlética:** considera a competência do indivíduo em desportos ou jogos ao ar livre.
- **Aparência Física:** determina a sua percepção relativamente à própria aparência, como por exemplo peso, tamanho e aspecto.
- **Comportamento:** avalia a percepção da criança relativamente ao modo como se comporta.
- **Autoestima:** até que ponto a criança gosta dela enquanto pessoa, isto é, se está satisfeita com a sua forma de ser. Constitui um julgamento global do seu valor, não sendo portanto um domínio específico de competência.

Dentro de cada sub-escala, 3 dos itens estão construídos de modo a que a afirmação, reflectindo uma «alta competência» percebida, surja do lado esquerdo, enquanto que, nos restantes três, a mesma afirmação surge do lado direito.

Ordem sequencial dos itens das várias sub-escalas.

Diminuição do risco de enviesamento dos resultados obtidos.

Não existem, à partida, respostas certas ou erradas, repostas melhores ou piores, mas sim, ao invés, respostas possíveis e igualmente aceites.

Cada uma das sub-escalas contém 6 itens, constituindo um total de 36 itens [existe mais um item adicional, introduzido como exemplo, mas que não é cotado]. Para quebrar a tendência à resposta estereotipada, dentro de cada sub-escala, 3 dos itens estão construídos de modo a que, de forma não constante, a afirmação, reflectindo uma «alta competência» percebida, surja do lado esquerdo, enquanto que, nos restantes três, a mesma afirmação surge do lado direito.

Nos 6 primeiros itens, as diferentes sub-escalas vão aparecendo de forma alternada pela seguinte ordem: [1] Competência Escolar, [2] Aceitação Social, [3] Competência Atlético, [4] Aparência Física, [5] Comportamento e [6] Autoestima Global. Esta ordem mantém-se ao longo de toda a escala para os 36 itens que a constituem.

Conforme foi adiantado anteriormente, pretende-se com o tipo de formato utilizado para as respostas, mostrar ao sujeito que existem crianças com características diversas, com as quais se pode identificar em maior ou menor grau.

Não existem, à partida, respostas certas ou erradas, repostas melhores ou piores, mas sim, ao invés, respostas possíveis e igualmente aceites. Esta ideia é operacionalizada através de uma estrutura alternativa para os vários itens da escala.

———— **PARTE II** ————

| *perceived competence scale for children* |  
| folhas de resposta |

pp.

11	1	Tomás
18	2	Rui
25	3	Marta



**TOMÁS** Evelásio de Almeida  
14.02.1995  
10 anos

**Ficha biográfica [fictícia]:**

Nome completo: Tomás Evelásio de Almeida  
Nome privado: Tomás  
Filiação | pai: Adonildo Lidório de Almeida  
          | mãe: Alvarina Claudemira de Almeida  
Data de nascimento: 14.02.1995  
Idade: 10 anos  
Sexo: Masculino  
Observações: Tem 1 irmão, de 9, e 1 irmã, de 8 anos.



**Rui Garibaldo de Almeida**

19.06.1996

9 anos

**Ficha biográfica [fictícia]:**

Nome completo: Rui Garibaldo de Almeida  
Nome privado: Rui  
Filiação | pai: Adonildo Lidório de Almeida  
          | mãe: Alvarina Claudemira de Almeida  
Data de nascimento: 19.06.1996  
Idade: 9 anos  
Sexo: Masculino  
Observações: Tem 1 irmão, de 10, e 1 irmã, de 8 anos.



**Marta Cleodice de Almeida**

11.10.1997

8 anos

**Ficha biográfica [fictícia]:**

Nome completo: Marta Cleodice de Almeida  
Nome privado: Marta  
Filiação | pai: Adonildo Lidório de Almeida  
          | mãe: Alvarina Claudemira de Almeida  
Data de nascimento: 11.10.1997  
Idade: 8 anos  
Sexo: Feminino  
Observações: Tem 2 irmãos, 1 de 10 e outro de 9 anos.

## ———— PARTE III ————

### | resultados e análise |

pp.

- |    |   |  |
|----|---|--|
| 33 | 1 | Pontuações obtidas na:<br>«Escala ‘Como é que eu sou’» e na «Escala de importância». |
| 34 | 2 | Detalhe das pontuações obtidas e cálculo ‘Discrepância Global’.                      |
| 38 | 3 | Linhas orientadoras de intervenção.  |

### 3 | Linhas orientadoras de intervenção.

#### Tomás. 10 anos.

«Áreas negras» nos perfis comparados da «Competência Atlética», do «Comportamento» e da «Aparência Física».

Perfis negativos induzidos pela auto-exigência.

«Discrepância global»: |0.33|. Autoestima: 4.00.

Tomás: re-orientação do seu modelo de auto-percepção.

Caso de agregação perceptiva das dimensões com afinidades funcionais.

No âmbito da metria proposta por Susan Harter, as dimensões do autoconceito do Tomás, cujos perfis se revelaram menos favoráveis, são, por ordem sequencialmente decrescente, as áreas da «Competência Atlética», do «Comportamento» e da «Aparência Física».

Todavia, nas áreas acima mencionadas, o Tomás tem uma «competência [a]percebida» acima da média, mas o facto de lhes atribuir uma grande importância faz com que, em média, fique aquém do que desejaria ser.

Por outro lado, a comparação da média da «Discrepância global» [0.33, em valor absoluto] e da «autoestima global» [4.00], revela que o Tomás possui uma auto-percepção geral muito positiva e equilibrada, cujas «áreas negras» apenas se devem ao facto da elevada exigência que tem para consigo mesmo.

Neste contexto, e face à avaliação dos resultados no seu todo, a linha orientadora a explorar deveria passar por fazê-lo «abrandar» os seus excessivos níveis de auto-exigência e ambição nos domínios em que o é [mensagem: «já és bom»], guiando-o, em simultâneo, para a atribuição de uma maior valorização à «Competência Escolar».

#### Rui. 9 anos.

As pontuações ponderadas do Rui indicam uma ambivalência face aos domínios em que é avaliado o seu autoconceito. Com efeito, apresenta uma co-variação positiva na percepção das dimensões da «Competência Atlética», da «Aparência Física» e da «Aceitação Social» junto dos seus pares. Ao invés, a «Competência Escolar» e o «Comportamento», sugerem-lhe uma «apreciação negativa» [ $< 3.00$ ].

Perspectiva adicional à afinidade funcional dos domínios do autoconceito: a correspondência inversa da «Importância».

«Discrepância global»: |1.67|. Autoestima: 2.50.

4 eixos de intervenção para melhoria global. Variação recíproca da autoestima.

Dois extensas «áreas negras»: «Aparência Física» e «Competência Atlética».

Inversão da posição relativa dos valores da «Discrepância global», |1.72|, e da autoestima, 1.50.

Encadeamento negativo por efeito de «bola de neve».

Por outro lado, da comparação dos resultados anteriores com a «Escala de Importância», paradoxalmente, revela uma correspondência perceptiva inversa, com exceção do «Comportamento», fazendo equivaler, às áreas em que melhor se auto-perceciona, uma menor importância e, à dimensão em que se atribui um menor desempenho [«Competência Escolar»], uma valorização máxima [4.00].

Paralelamente, da panorâmica dos valores médios obtidos, releva ainda notar um baixo valor da autoestima [2.50] e uma «Discrepância global» de 1.67, em valor absoluto.

Neste sentido, as linhas orientadoras, para o Rui, deveriam passar por 4 eixos principais: melhorar o seu rendimento escolar, incentivar o seu sentido de socialização, levá-lo a valorizar mais as suas capacidades físicas e, tomando como boa a sua elevada «Competência Atlética», estimular-lhe a importância atribuída à sua «Aparência Física». Resultados positivos em qualquer uma das linhas de intervenção melhorarão, certamente, também a sua autoestima.

### **Marta. 8 anos.**

Da visualização gráfica das médias das pontuações obtidas pela Marta, sobressaem, por ordem crescente, duas extensas «áreas negras», ao nível da «Aparência Física» e da «Competência Atlética».

Porém, de uma análise mais detalhada aos resultados, pode, com algum rigor, estabelecer-se o encadeamento das razões que levam à inversão das posições relativas da sua muito reduzida autoestima [1.50] e do elevado valor absoluto da sua «Discrepância global» [1.72, em módulo].

Neste âmbito, e com exceção da «Competência Escolar», a sua «Aparência Física» pouco vocacionada para um bom desempenho desportivo [auto-percepção da «Competência Atlética» = 1.50], induz-lhe uma muito baixa «Aceitação Social» e, conseqüentemente, por desmotivação, uma menor

A melhoria do perfil físico enquanto indutor positivo da auto-percepção psicológica, quer sobre o autoconceito, quer ao nível da autoestima.

Encadeamento positivo por efeito de «bola de neve».

Em particular, na dimensão do autoconceito «Competência Escolar», parece existir, até determinado nível de «Discrepância», uma relação benéfica. A fronteira é delimitada quando o sentimento de entusiasmo se transforma em desalento por desmotivação.

valorização do seu «Comportamento». Assim, com 60% de médias negativas, ao nível das referências do autoconceito, seria de esperar um baixo valor da autoestima, como efectivamente acontece.

Ora, este enquadramento avaliativo, a par dos índices de valorização que lhes atribui, sugere, como cerne do défice de auto-percepção da Marta, a necessidade intervir ao nível da melhoria do seu perfil físico. Melhorias a este nível, face à importância implícita que daí parece ressaltar, conduzirão, com certeza, a uma melhoria global de todos os outros vectores de apreciação pessoal, nomeadamente a sua «Competência Atlética», onde reside uma extensa «área negra». É de esperar que a «Aceitação Social» melhore por simpatia e «puxe» consigo a média da autoestima.

Sobre a «Competência Escolar», onde revela, apesar de uma percepção positiva, uma elevada exigência, apenas nos parece ser de acautelar que tal «Discrepância» se mantenha como elemento catalisador do esforço e não decante, pela dificuldade, em desalento desmotivador.

## ———— PARTE IV ————

### | e se fossem irmãos? |

pp.

- |    |   |  |                                      |
|----|---|--|--------------------------------------|
| 42 | 1 |  | <i>Briefing</i> [situação fictícia]. |
| 44 | 2 |  | Grelhas de análise comparativa.      |
| 47 | 3 |  | E se fossem irmãos?                  |

**I | Briefing [situação fictícia].**  
[com base nos perfis calculados]

Tomás, 10 anos.  
Rui, 9 anos.  
Marta, 8 anos.

Tomás, de 10 anos, Rui, de 9, e Marta, de 8, frequentam, na EB 1 de Paredes, respectivamente, os 4.º, 3.º e 2.º anos de escolaridade do Ensino Básico. A escola está inserida num meio rural.

Sucinta caracterização  
familiar e sócio-económica.

O pai, Adonildo Almeida, trabalha como electricista na indústria da construção civil e a mãe, Claudemira Almeida, na recepção de um hotel. O nível sócio-económico da família é equilibrado, vivem em casa própria, com boas condições de habitabilidade e têm um pequeno jardim.

Perfil cultural sumário.

O nível de instrução de ambos os pais é o 12.º ano, com um nível cultural médio. Têm alguns conhecimentos literários e preocupações em enriquecer culturalmente os filhos, comprando-lhes bastantes livros e jogos.

Professor, futebolista e  
cabeleireira.

Como curiosidade, e apesar de estarem constantemente a mudar de preferências, o Tomás gostaria de ser professor, o Rui preferia ser futebolista e a Marta cabeleireira.

Tomás Evelásio de Almeida.  
14.02.1995 | 10 anos.

O Tomás, com 10 anos de idade, é uma criança desenvolta e exigente consigo mesmo nas actividades físicas, eventualmente por se querer equivaler ao talento desportivo do seu irmão mais novo. É vaidoso e preocupado com a roupa que veste, opinando frequentemente sobre as cores e o tipo de vestuário que quer usar. Na escola, tem boas notas e é um aluno responsável e bem comportado. Socialmente, interage com facilidade e é razoavelmente popular entre os colegas e amigos.

Rui Garibaldo de Almeida.  
19.06.1996 | 9 anos.

O Rui, tem 9 anos e é um rapaz muito bem constituído para a idade e, embora não goste de se evidenciar, tem uma forte apetência para as actividades desportivas, apreciando particularmente jogar futebol. Na escola, tem um aproveitamento médio, e fica muita vezes desiludido com as suas classificações, ambicionando ser tão aluno como o irmão mais velho. É razoavelmente bem comportado, apesar de, por vezes, revelar atitudes

Marta Cleodice de Almeida.  
11.10.1997 | 8 anos.

demasiadamente infantis, relativamente à sua idade. É bem aceite pelos colegas, mas não procura fazer novos amigos.

A Marta, com 8 anos, é uma menina muito reservada, cujos amigos são fundamentalmente os dos irmãos mais velhos. Com uma aparência física corpulenta e volumosa, tem pouca predilecção pelas actividades desportivas, ficando frequentemente envergonhada com o seu baixo desempenho físico. Na escola, é uma aluna razoável e, à semelhança do seu irmão Rui, também ambiciona ter tão boas notas como o Tomás. Apesar de desprendida, tem um comportamento regular, tanto em casa, como na escola.

## **2 | Grelhas de análise comparativa.**

pp. 32-34

### 3 | E se fossem irmãos?

As vantagens da entreaajuda familiar, liderando o sujeito cujo desempenho é mais elevado.

O núcleo familiar esclarecido enquanto vanguarda positiva de um desenvolvimento equilibrado.

Pressupostos das linhas de acção propostas.

Tomás: «Competência Escolar» e «Comportamento».

Tomás e Rui: «Aparência Física» e «Aceitação Social».

Rui: «Competência Atlético».

Pais: supervisão, acompanhamento da autoestima.

Sob a hipótese de o Tomás, o Rui e a Marta serem irmãos, decorre da análise comparativa das pontuações obtidas na PCS-FC, a possibilidade de concertar os défices individuais de auto-percepção, verificados nalgumas áreas do autoconceito, com as valorizações mais significativas obtidas nessas mesmas áreas ou em dimensões com proximidade funcional.

Neste contexto, conjugando as médias apuradas nos vários domínios do autoconceito e da autoestima, com as pontuações atribuídas na «Escala de Importância», em função das posições relativas dos três indivíduos, poder-se-ia estimular, com a supervisão e acompanhamento dos pais, uma espécie ciclo de entreaajuda fraternal, entre irmãos, no sentido de se reduzirem individualmente as respectivas «áreas negras».

Assim, levando em consideração o detalhe da avaliação apresentada na Parte III, ponto 3., a situação fictícia criada, nesta Parte, ao ponto 2., e as grelhas das páginas anteriores, poder-se-iam, naturalmente adequando-as à exigência, razoabilidade e parcimónia que as idades sugerem, propor 4 linhas de acção:

1. Tomás: encorajar o desempenho escolar dos irmãos, bem como a melhoria do seu [deles] «Comportamento».
2. Tomás e Rui: em conjunto, incrementar os níveis de socialização da irmã, bem como a valorização da sua «Aparência Física».
3. Rui: melhorar a vertente desportiva do Tomás e, principalmente, da Marta [esta «responsabilidade» induzir-lhe-á, ao Rui, crê-se, uma maior valorização das suas capacidades].
4. Pais: supervisão e acompanhamento. Estimular a autoestima do Rui e da Marta, assegurando-se que a do Tomás se mantém.

———— **PARTE V** ————  
| referências bibliográficas |

## Referências Bibliográficas

- BAUMEISTER, R. F. [1994]. *Self-esteem*, in V. S. Ramachandran, Ed., *Encyclopedia of Human Behavior*, Vol. 4.º, pp. 83-87. San Diego: Academic Press.
- FAUSTINO, A. [1994]. *Desenvolvimento motor e autoconceito*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- FOX, K. R. [1990]. *The physical self-perception profile manual*. Illinois: Northern Illinois University.
- HARTER, S. [1985]. *Manual for the self-perception profile for children*. Denver: University of Denver.
- MARSH, H. W., & Hattie, J. [1996]. *Theoretical perspectives on the structure of self-concept*. In B. Bracken, Ed., *Handbook of self-concept: Developmental, social, and clinical considerations*, pp. 38-90. New York: Wiley.
- PEIXOTO, F. [1996]. *Autoconceito[s], autoestima e resultados escolares: a influência da repetência no[s] autoconceito[s] e na autoestima de adolescentes*. In M. A. Martins Ed., *Dinâmicas Relacionais e Eficiência Educativa*, pp. 51-69. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- VAZ, Serra A. [1988]. *O autoconceito*. *Análise Psicológica*, 6 [2], pp. 101-110.